

o último repuxo de vida. Fora vazado na testa com um tiro certo de 38.

Cambaleante, atordoado, revólver na mão, Seu Adolfo, como um espectro ao clarão da lua, chorando, gritou: “Eu pensei que fosse a onça!”

O crime abalou a cidade.

Na cadeia pública de Sacramento, Seu Adolfo esperou julgamento. Ali se definiu, perdeu a propriedade em Jundiá e experimentou a miséria. O Júri Popular deu-o por inocente; a Promotoria de Justiça apelou da sentença, queria a condenação.

O crime foi reexaminado pelo Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais que, em curioso Acórdão, reconheceu a inocência do acusado e tipificou o fato como putativo. A morte do Saca-Rolha tornou-se jurisprudência e é contada nos livros de Direito Penal nas faculdades. Em Sacramento houve quem pedisse a prisão do Gato de Botas, tido como responsável, mas a lei não abrigou a pretensão.

Hoje quem pesca na barra do Ribeirão da Parida, além das estórias de onças, mulas-sem-cabeça e lobisomem, ainda pode ouvir, em noite de lua cheia, o gemido agonizante do negro Saca-Rolha.

POR ENTRE AS SERRAS DE MINAS

A estrada serpenteia a serra no seu último vão. Vencido que seja o vilarejo mostra-se por inteiro. Fiz uma parada. Aos meus pés, distância de tiro, o antigo Julgado do Desemboque, berço da colonização do Brasil Central, elo de ligação entre São Paulo e Goiás no século XVIII, hoje reduzido a duas igrejas bicentenárias e vinte casas: um pobre distrito da cidade de Sacramento, em Minas Gerais. O caminho outrora vencido por bandeirantes aventureiros era feito agora em espaço de horas na comodidade de meu carro que, do toca-fitas, enchia o ambiente com a nostalgia de um bolero antigo. Contemplei o lugar, emocionado, e fiz algumas fotografias.

Um ipê florido compõe a paisagem. O céu de final de agosto tem um azul profundo e as cigarras, com o seu canto agreste, transbordam o vale de melancolia.

Certa vez alguém, pesquisando a história, ao contemplar o Vilarejo, ajoelhou-se.

Não tive a mesma dignidade, mas, reverentemente, observei o Desemboque, perdido por entre as serras de Minas, beijado pelo rio das Velhas, dividindo fases da história, no coração das Gerais.

Logo depois adentrei a Vila e parei no “Boteco São Januário”. Um cachorro esquelético, sarmento, pontilhado de bernês, que dormia na porta, mal abriu um olho, levantou uma das orelhas e voltou a cochilar. De dentro saiu um bêbado que, indiferente a quem chegava, abeirou-se do carro, observou-o longamente por dentro, alisou o capô, cuspiu azedo no chão e resmungou alguma coisa incompreensível. O vendeiro, alto, magro e sem dentes disse não ser possível uma bebida gelada pois “faiz treis dia que farta força”.

O professor da escolinha tem instrução primária e dá aulas a uma dezena de crianças. Diz ser tataraneto de um cônego e tem muito orgulho disso, aliás traz o nome dele no seu: Vicente Hermógenes. Com um lápis e um caderno anotou o meu nome e a minha procedência. De imediato foi abrir a Igreja dos Pretos, subiu no campanário e bateu o sino, com toque característico, avisando a chegada de um estranho.

O mesmo sino que acalentava nas solenes procissões do Corpo de Deus ou que avisava a chegada do ouvidor de El Rei. O mesmo sino que deve ter badalado festivo na Abolição, dava conta agora da visita de um forasteiro. O aviso voou na voz do sino. Mulheres desconfiadas e mocinhas casadoiras vieram às janelas, meninos correram para fora das casas. O Desemboque tinha novidade.

Um carro de bois, gemendo alto, passou defronte o boteco e parou perto da Igreja dos Pretos. O candeeiro é um menino descalço, desses sertanejos, “pequeno para ser homem, forte para ser criança”. Menino sem infância.

A Matriz do Desterro, com largas paredes de pedra, era o ponto de chegada de bandeiras vindas de São Paulo com destino a Goiás. No seu frontispício a marca do tempo: no altar-mor, entalhado e trabalhado, sobre a imagem da Virgem, a data memorável: 1.743.

No interior do templo, altares vazios, desolação. A impressão é de que o tempo parou e de que tudo pode desabar. Divisão de castas ainda se mostra: lugar dos homens, espaço posterior reservado às mulheres e, por último, o recanto das negras escravas que acompanhavam as Sinhás nos ofícios divinos. Tudo dorme, tudo acaba na insensatez de um povo que não resguarda sua história. O silêncio é gritante, quebrado apenas pelo papaguear de algumas maitacas que fizeram ninho nas traves do templo. Em outros

tempos havia um sino de ouro. Hoje até as tábuas do piso foram-se em mãos de vândalos e malfeitores.

Em volta do templo o muro de pedras, feito por mãos escravas, a sineira vazia e o cemitério. Os mortos guardam o templo e o templo abriga os mortos.

A Igreja do Rosário dos Pretos testemunha a discriminação reinante na época. Dentro dela um conjunto de imagens sagradas sobre uma mesa (os nichos não oferecem segurança) e, entre elas, a padroeira do lugar que, em festas passadas era saudada com confetes de ouro em pó. Hoje a poeira e o cheiro acre do estrume de morcegos dominam o venerável local, outrora perfumado com flores do campo e incenso da Corte.

Da Casa da Câmara, da Sede do Julgado, da antiga cadeia e do seminário restam somente carcomidos alicerces que escondem cobras e escorpiões. Documentos dão conta de que do garimpo do Desemboque saíram centenas de arrobas de ouro. Havia centenas de casas, milhares de viventes, grandes juristas e inflamados oradores na Câmara. Dali nasceram as cidades do Triângulo Mineiro, hoje esquecidas da importância da velha mãe.

Do lado de fora da igreja, um velho franzino, morador do lugar, disse-me que vive de consertar guarda-chuvas e comentou eufórico que à tardinha ia ter uma procissão para pedir chuva, que quem organizou foi a rezadeira local. E concluiu, esperançoso: “tomara que chove e muito”.

Corre ali uma lenda, a de que alguém vindo de fora vai recuperar o patrimônio, lembrar o antigo fausto, dar trono às imagens sagradas e recompor a história. Lendas, crendices proferidas, esperanças messiânicas têm ali sua morada. O professor conta estórias de fantasmas que rondam o vilarejo. Naquele dia, um menino rabiscando a poeira assentada sobre meu carro, na confusão dos arabescos, escreveu: “é meu”. Ali estava o sonho de um pequeno sertanejo que, no meio daquilo que se perdeu por antigo, encantou-se com o moderno.

Depois de horas deixei o lugar e voltei para o alto da serra, de onde o cenário mostrava-se mais belo. Debaixo de uma frondosa árvore, sentado preguiçosamente sobre uma pedra, perdi-me em contemplação e vislumbrei, como em uma miragem, a trama da Inconfidência ali apoiada, o tropel da cavalaria, a notícia à boca miúda do enforcamento do Alferes, o clarim da madrugada, o ouro solapado no rio das Velhas, o estalar do chicote, o gemido escravo, a liteira pesada, a gorda Sinhá, o sino de ouro, a festa da

padroeira, confetes de ouro em pó, salões de bailes, presença de dona Bêja, negras fiando algodão, incenso da Corte, enxovais de sinhá-moça, artigos de importação, bandeirantes que chegam, aventureiros que vão, o quilombo do Ambrósio, os negros do Tengo-Tengo, batuques de caixas, gritos de África, negros fugidos, o pelourinho da praça, cônegos, bispos, o hábito da franciscana, o olhar lascivo da dona do bordel, o grito do garimpeiro na bamburral, o pálio dourado conduzindo a hóstia, o senhor de escravos, a arreata de prata, o sinete de ouro, o discurso na Câmara, a mesa de jogo, o punhal do assassino, as festas de negros, congadas, moçambiques, abolição, angu...

O ronco cavernoso de um trovão trouxe-me à realidade. Veio de longe e ecoou nas fendas da serra do Santíssimo, que circunda o vilarejo. Talvez nem tenha procissão.

Um bando de pássaros-pretos cruzou o vale em franca algazarra.

No horizonte nuvens pesadas formavam-se, a natureza dava sinais das primeiras chuvas. O canto de uma jaó martelava o silêncio no meio de uma capoeira.

Olhei o lugar mais uma vez e supliquei a Deus que tornasse a lenda verdadeira: *“Domine, exaudi orationem meam, et clamor meus ad te veniat”*.

Um vento forte e quente bafejou o Vilarejo, trazendo dentro de si o cheiro gostoso da terra molhada, promessa de vida e fartura.

A chuva vai chegar e renovar a terra, como um milagre divino. O Desemboque, em sua esperança messiânica, aguarda alguém, vindo de longe, como a chuva, para renovar sua firma e recompor esta importante parte da história do país que morre, por entre as serras de Minas.